

Professor Doutor Isaac Antonio Camargo

HISTÓRIA DA ARTE: O século XIX. Parte 1

Curso de Artes Visuais Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A disciplina de História da Arte: O século XIX corresponde a mais uma etapa de abordagem sobre as manifestações artísticas que ocorreram desde os primeiros momentos da humanidade até os dias de hoje.

O caráter cronológico da disciplina é utilizado como fio condutor para delimitar a sua transformação.

O desenvolvimento desta disciplina é presencial e se baseia no método expositivo amparado por textos, projeção de imagens como recurso de apoio pedagógico. O material produzido se constitui em Objetos de Aprendizagem e são publicados no Ambiente Virtual de Aprendizagem: ARTE VISUAL ENSINO.

Acesso: www.artevisualensino.com.br



ARTE VISUAL ENSINO

AULAS ~

TEXTOS

PROJETOS ~

PUBLICAÇÕES

LINKS v

CONTATO

VERSÃO ORIGINAL



Arte V

er.com

Ambiente Virtu

Este Ambiente Virtu atividades didáticas disciplinas que mini. Ao longo do tempo, magistério quanto n experiências que mi comunidade de edu De 1976 a 2009 fui Londrina, PR, onde i Universidade Federi curso de Design na 2015 atuo no Curso Sul em Campo Gran experiências coleta

nortanto, sujeito à ri

Arte e Pesquisa

História da Arte

História da Arte I

História da Arte II

História da Arte II

História da Arte IV

Ensino da Fotografia

Oficina

O Pensamento Fotográfico

Imagem e Pensamento Fotográfico

Estudos Avançados em Arte

e apoio pedagógico para as os estudantes e apoio para as

ei experiências tanto no nhas aulas, são estas m estudantes e também com a

al na Universidade Estadual de sor de História da Arte na i professor de Fotografia no em Florianópolis, SC. A partir de ade Federal de Mato Grosso do o de minha prática docente, destinados ao ensino e, conto com o apolo dos leitores



EMENTA:

Estudo das manifestações em Arte Visual no contexto ocidental e suas relações com o Oriente, no século XIX até o advento da Modernidade com base nos aspectos técnicos, estéticos, sociais, econômicos, étnicos e culturais.

Bibliografia Básica:

Argan, Giulio Carlo. Arte e Critica de Arte. 2. Ed. Lisboa, Pt: Estampa, 1995. 167 P. (Teoria da Arte). Isbn 972-33-0899-1.

Argan, Giulio Carlo. Arte Moderna: do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos. São Paulo, Sp: Companhia das Letras, 1993-2006. 709 P. Isbn 85-7164-251-6. Gombrich, E. H. a História da Arte. 16. Ed. Rio de Janeiro, Rj: Ltc, 2015 688 P. Isbn 8521611854.

Janson, H. W. História da Arte: Panorama das Artes Plásticas e da Arquitectura da a Actualidade. Lisboa, Pt: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. 766 P.

Janson, H. W. História Geral da Arte: o Mundo Moderno, Vol. 3. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001-2007. P. 827 a 1110 Isbn 85-336-1447-0.

Bibliografia Complementar:

Gombrich, E. H. Arte e Ilusão: um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 386 P. Isbn 978-85-60156-31-3.

Ades, Dawn. Arte na América Latina: a Era Moderna, 1820-1980. São Paulo, Sp: Cosacnaify, 1997. 365 P. Isbn 85-86374-01-6.

Ades, Dawn. o Dada e o Surrealismo. [S.I.]: Labor do Brasil, 1976. 66 P. Argan, Giulio Carlo; Fagiolo, Maurizio. Guia de História da Arte. 2. Ed. Lisboa, Pt: Estampa, 1994. 158 P. Isbn 972-33-0970-x

Janson, H. W. Iniciação à História da Arte. 2. Ed. São Paulo, Sp: Martins Fontes, 2007. 475 P. Isbn 85-336-0470-x.

Programa:

- O século XIX e as revoluções.
- O Neoclássico e as Academias de Belas Artes.
- A hegemonia do da Arte Clássica e Acadêmica.
- O confronto do Modernismo com a tradição clássica.

Apresentação

O Século XVIII foi o último século da *Idade Moderna* e o primeiro da *Idade Contemporânea*, segundo a categorização da história tradicional.

Foi um século marcado por grandes transformações intelectuais, econômicas e sociais. Revoluções, conquistas e expansões culturais.

O Iluminismo foi o principal marco intelectual deste século e preparou as transformações do século XIX.

Os teóricos defensores do Iluminismo pregavam a liberdade religiosa, econômica e de expressão. Combatiam os regimes totalitários como as monarquias, a igreja, o mercantilismo e toda forma de opressão. Chamado de século das luzes, amparados na razão, no saber e na liberdade de pensamento e expressão ampla, geral e irrestrita.

As ideias Iluministas influenciaram muitos países e foram determinantes para revoluções como a Industrial e a Francesa, tornando-as matrizes das demais transformações que ocorrerão no século XIX e XX. Surgem vários pensadores que irão influenciar o modo de pensar da sociedade.

John Locke defensor do Liberalismo político; Charles-Louis de Secondat ou Montesquieu é o defensor do Estado laico e da cidadania; François-Marie Arouet ou Voltaire é o defensor da liberdade acima de tudo; Jean-Jacques Russeau defende a democracia e Adam Smith o Liberalismo econômico.

Por tudo isto este século passou a ser conhecido como Século das Luzes, considerando que a filosofia que surge e se desenvolve é o lluminismo que inspira a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa. Eeste mesmo século marca a Revolução Industrial.

Entretanto, a principal revolução foi a intelectual baseada no surgimento do chamado Método Experimental ou Científico. No qual são utilizados os instrumentos como microscópios, telescópios. Desenvolvem as teorias como a matemática, a física, a química e a biologia, baseadas em métodos que partem da Observação, Problema, Hipótese, Experimentação e Generalização, gerando leis.

No contexto da Arte podese dizer que a hegemonia Clássica que a Itália havia conquistado até o Barroco se expande para novos horizontes, especialmente para a França onde surgem manifestações como o Rococó, o Neoclássico, o Romantismo, Realismo e, por fim, o Impressionismo e seus desdobramentos para a Modernidade.

Pode-se dizer que, no século XVIII e XIX, a Arte Visual atinge sua maturidade Clássica e busca impor sua hegemonia por meio das Academias de Arte e Escolas de Belas Artes. Esta é a herança que a Arte Clássica transmite para o Período Contemporâneo com a qual a Modernidade irá se confrontar.

Considerando o exposto, a disciplina tomará como base o percurso Clássico, cuja referencia são as Academias, o Academismo ou Academicismo, seu desenvolvimento e o confronto com o advento da Modernidade.

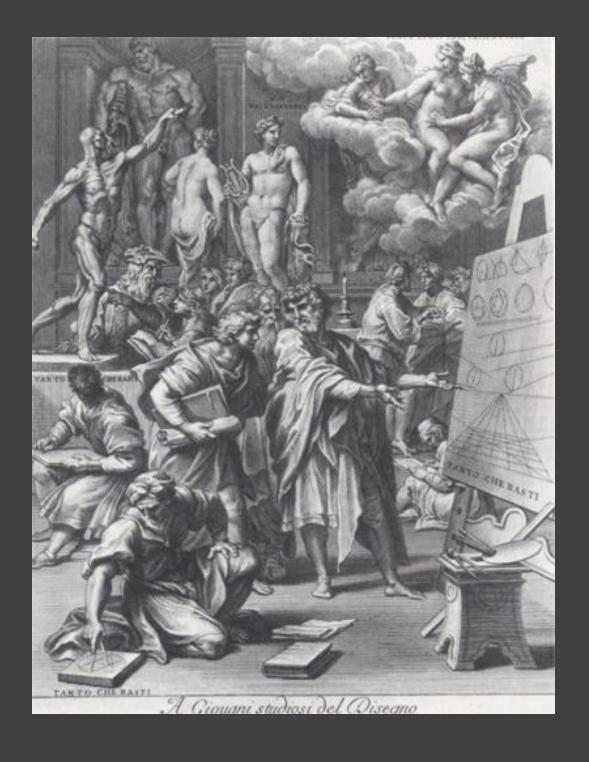
Em História da Arte II foram abordadas questões referentes ao surgimento das Academias no Renascimento na Itália e sua importância no desenvolvimento da Arte daquele período. Nesta disciplina, o foco recairá sobre o desdobramento do Ensino Acadêmico, sua influência no século XVIII e XIX e o confronto com a Modernidade.

Para recordar: as Academias foram fundadas no final do Renascimento. A primeira delas foi criada em Florença, durante o Maneirismo, em 13 de janeiro de 1563 pelo duque Cosmo I de Médici, por incentivo de Giorgio Vasari, a Accademia e Compagnia dell'Arte del Disegno. Entre os fundadores estavam Michelangelo, Vasari, Bartolomeo Ammannati, Agnolo Bronzino e Francesco da Sangallo

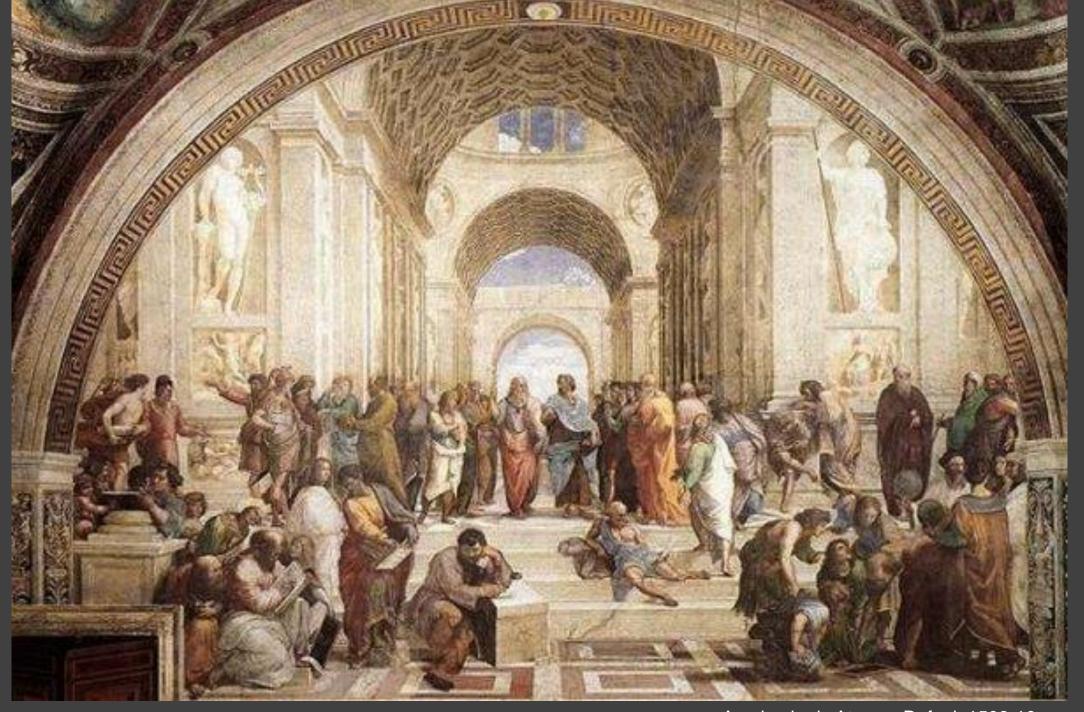
A segunda foi criada em Roma, em 1577-93, a Accademia dei Pittori e Scultori di Roma, mais conhecida como Accademia di San Luca, patrocinada pelo papado e dirigida por Federico Zuccari. A base pedagógica era o Disegno, termo mais abrangente do que Desenho e parecido com o que chamamos hoje de Design. As Academias foram as primeiras instituições de Ensino de Arte.

A geometria, perspectiva, anatomia, matemática e história eram disciplinas obrigatórias. A base teórica era essencial além do virtuosismo exigido para as performances técnicas dos artistas. Havia também um fundo ético na concepção deste ensino no qual a Beleza era equiparada ao Bem e à Verdade. Os estudos eram centrados na Natureza e no ser humano dentro do que se considerava melhor e digno.

Cultivavam o respeito às lições dos clássicos antigos e dos Mestres consagrados e renomados em sua época que contribuíram tanto para a fundação das Academias quanto na orientação de seus projetos pedagógicos. Tais orientações definem o projeto Clássico Acadêmico que se torna um Método de Ensino consagrado até o século XIX.



A obra *Academia de* desenho, de Carlo Maratti, 1704-09, é uma alegoria do ensino acadêmico dedicada "aos jovens estudantes do desenho". O mestre mostra num quadro figuras geométricas e perspectiva, ao fundo se vê estatuária clássica servindo como modelo, alunos em torno copiam sob a proteção de divindades míticas. Isto é o que se pensa da Arte na Academia, no Academismo. A inspiração provável desta obra é uma recorrência ao Alto Renascimento, período no qual viveu um dos maiores representantes da racionalidade gráfica e da perspectiva geométrica que foi Raphael Sanzio.



Academia de Atenas, Rafael, 1506-10

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

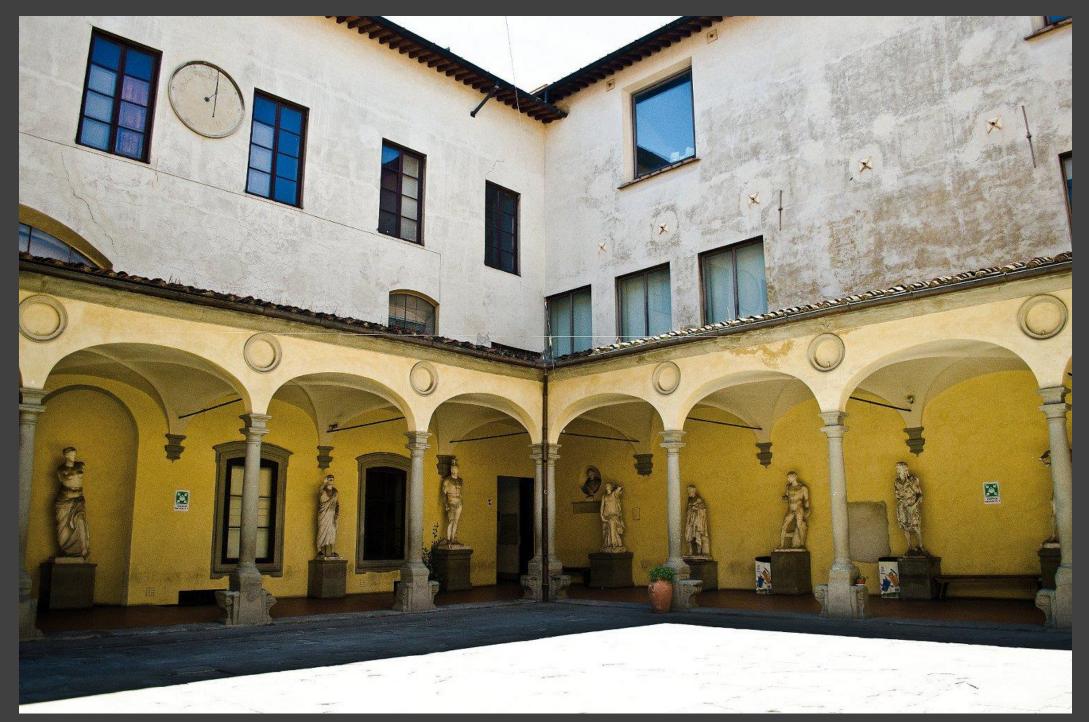
Tal habilidade e mestria irá influenciar a Arte desde então. De um modo ou de outro o ensino acadêmico acaba por interferir nos diferentes projetos pedagógicos que são criados a partir do Renascimento.

Vale a pena um olhar atual para a primeira Academia:



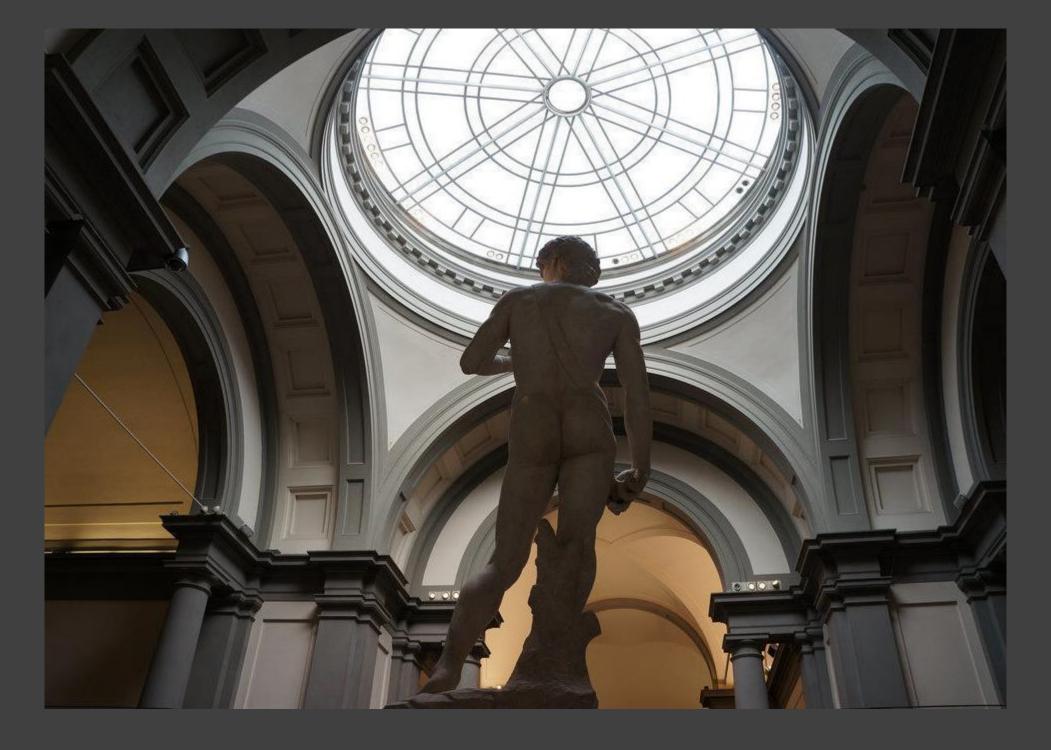


CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

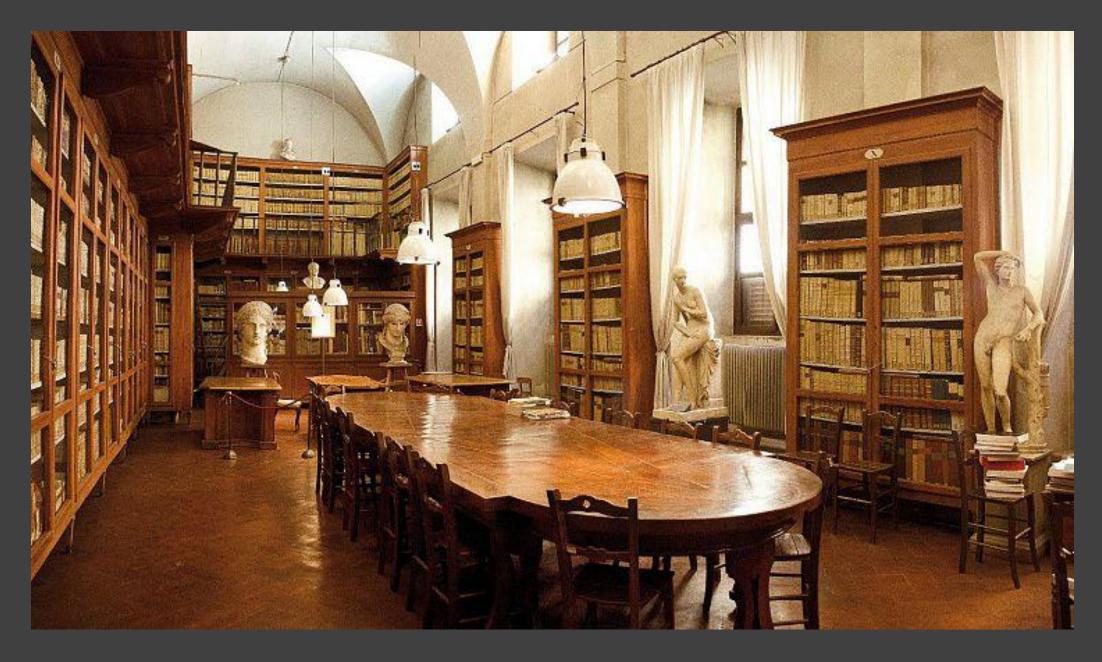


CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS









Academia de Arte de Florença.



Academia de Arte de Florença.



Academia de Arte de Florença.



Giovanni Fattori, Atelier na Academia de Arte de Florença

1. A influência da Academia nos séculos XVIII e XIX, e a hegemonia da Arte Francesa na arte ocidental. Tendo sido criadas no Alto Renascimento, as Academias de Florença e Roma influenciam o surgimento de outras na Itália.

Com a qualidade e aprimoramento técnico dos artistas oriundos destas academias, este projeto de ensino passa a ser difundido e reproduzido tanto na Itália quanto fora dela.

Em Bolonha, Gênova e Milão também foram fundadas Academias. No entanto, o percurso das Academias na Itália se manteve em conflito com as Guildas, já consagradas desde a Idade Média, sendo que algumas recorriam aos processos instaurados anteriormente pelas Guildas, num típico retrocesso.

Independente das disputas entre Academias e Guildas que acometeram as relações na Itália, a França consegue adaptar o método acadêmico aos seus interesse e consolidálo interna e externamente. Ainda no século XVI, Henrique III, sob orientação de Jean-Antoine de Baïf, fundou uma academia ligada à Coroa francesa no modelo Italiano.

em 1648 um grupo de artistas liderados por Charles Le Brun funda em Paris a Academia Real de Pintura e Escultura, patrocinada pela regente Ana de Áustria, em 1671 passa a ser controlada por Jean-Baptiste Colbert, mantendo Le Brun como diretor. Em 1666 a França cria uma filial, a Academia da França em Roma, tendo como primeiro diretor Charles Errard.



Charles Le Brun, O Massacre dos inocentes, 1664-66

A filial de Roma servia para hospedar os artistas franceses que queriam se especializar, aprimorar sua produção com base nas referencias italianas. A Academia Francesa só se organiza de fato com a aprovação dos estatutos, em 1655, que define a hierarquia entre anciãos e jovens, a estrutura curricular, a metodologia didática com aulas e conferências.

O estatuto institui também as exposições públicas periódicas da produção acadêmica, os Salões, realizados no Louvre, que se tornaram famosos pela difusão da Arte Francesa, pelas lições e polêmicas que proporcionou junto ao Sistema de Arte. Varias academias foram fundadas no interior da França segundo os moldes e vinculação à Academia de Paris.

Em 1669, André Félibien, teórico e secretário da academia define a hierarquia dos Gêneros Artísticos que deve ser seguida pelas várias academias.

O maior deles é o Gênero Histórico incluindo também os Religiosos, Literários e Mitológicos, seguidos dos menores: Retrato, Paisagem, Natureza Morta e Cotidiano.

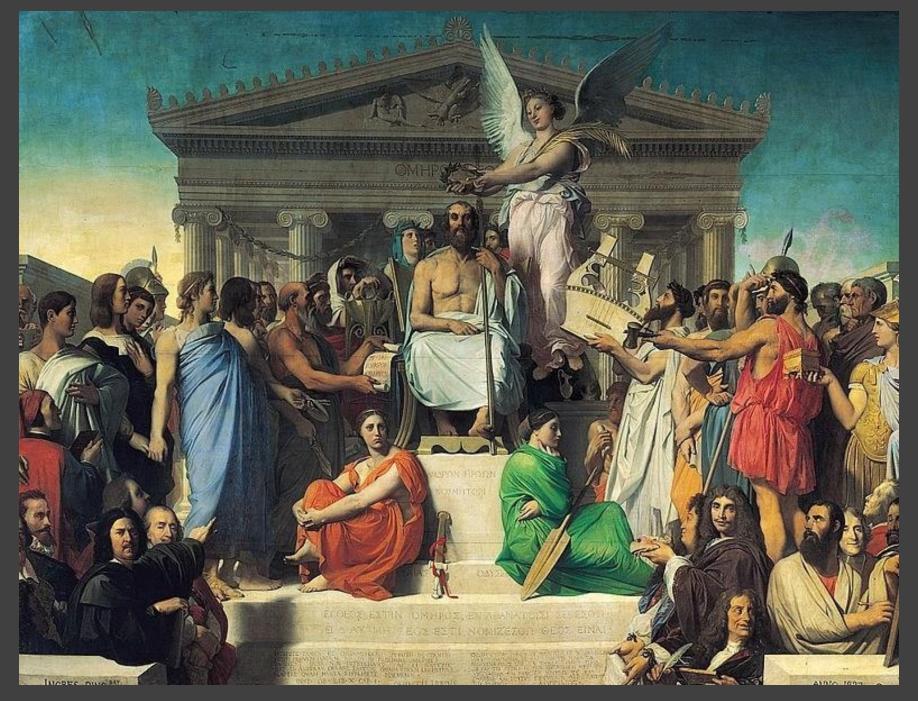
A Revolução Francesa abole o autoritarismo da monarquia e, consequentemente, os subsídios dados às Academias de Arte mantidos pelos reis. Jacques-Louis David (1748 -1825) propõe à Assembleia Nacional em 1790, um novo formato dos Salões mais afeitos às paisagens e retratos ao gosto da clientela burguesa.



Jacques-Louis David, Litores trazendo a Brutus os corpos de seus filhos, 1789.

Propõe também a criação de museus e sua integração em rede com a instrução pública e o patrimônio. A antiga academia é extinta em 1793 e pintor Jacques-Louis David assume a direção dos assuntos artísticos da nova república. Em 1795 é fundado o Instituto de França, responsável pela arte e cultura. No entanto as diretrizes acadêmicas permaneceram.

A Ecole National Supérieure des Beaux-Arts é fundada com este nome apenas em 1816, embora a tradição artística Clássica se mantivesse, Jean-Auguste Dominique Ingres é um de seus professores e mentores. Em 1863, Napoleão III, reforma o projeto da Escola a partir das críticas recorrentes ao sistema hegemônico e fechado que a orientava.

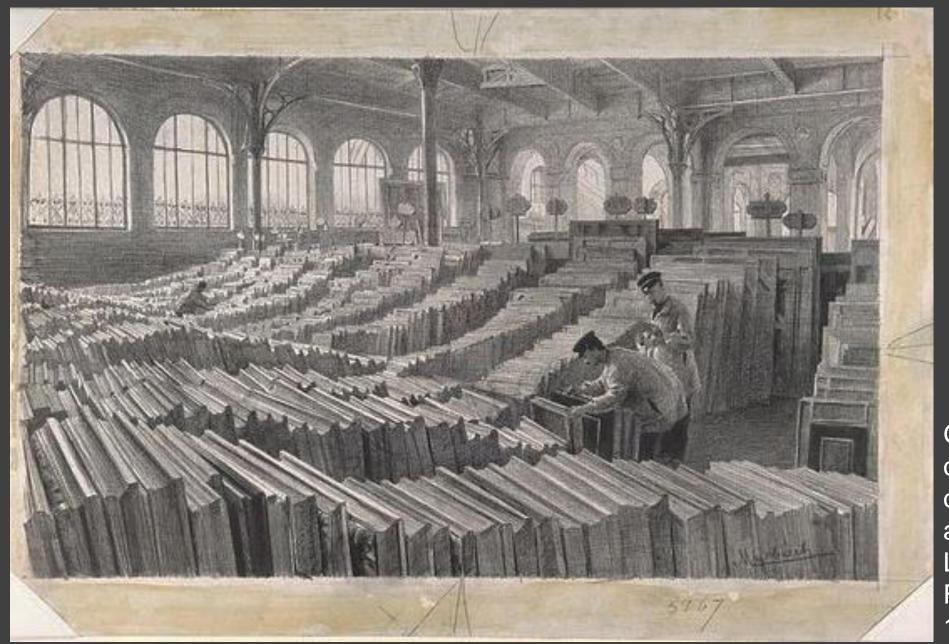


Apoteose de Homero, Jean-Auguste Dominique Ingres, 1826-27.

Em função das críticas em 1863 Napoleão III, para arrefecer os ânimos dos artistas frequentemente impedidos de participarem dos Salões oficiais realizados no Louvre, autoriza a mostra de 1.200 trabalhos de artistas que não participavam do Salão oficial no Louvre em 12 salas no Palácio da Indústria. Exposição que ficou conhecida como Salão dos Recusados.

Em 1864, 1873, 1875 e até 1886 foram realizados outras exposições com o mesmo fim, ou seja, de dar espaço para artistas não participantes dos Salões oficiais.

Em 1884 o Salon des Indépendants, organizado pela Sociedade de Artistas Independentes, foi criado para que todos os artistas pudessem apresentar suas obras de forma livre, sem julgamento.



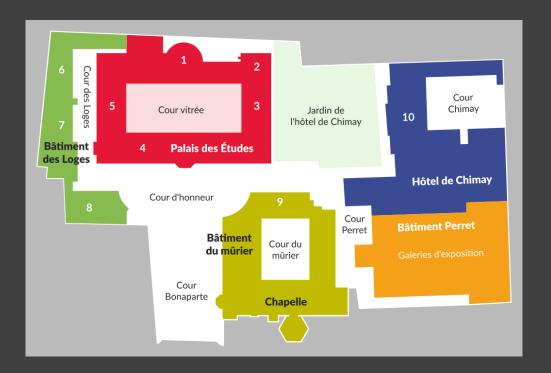
Guarda das obras para o salão anual do Louvre, França, 1863.



Embora em 1881 a reforma já tivesse rompido o monopólio do Salão convencional e transformado em Salão dos Artistas Franceses, de um modo ou de outro, tais mostras paralelas proporcionaram também o surgimento de mostras independentes e individuais. Já que o estado não apoiava iniciativas não oficiais, restava aos artistas assumirem, eles mesmos, suas mostras.

A partir do Salão dos Recusados, ou melhor, das exposições paralelas ou alternativas é que, em 1874, surge a ideia da mostra independente da Sociedade Anônima de Pintores, Escultores, *llustradores*, que acabou sendo conhecida como Primeira Exposição dos Impressionistas que irá traçar os rumos do Modernismo.

A Escola Nacional Superior de Belas Artes, conhecida como Beaux-Arts de Paris é criada em 1817, herdeira da antiga Real Academia de Pintura e Escultura fundada em 1648 e fechada em 1793 pela Revolução. Edifícios de vários períodos são ocupados por salas, bibliotecas, ateliers e oficinas que amparam o trabalho e a pesquisa dos estudantes e professores.



Planta baixa da escola.



Entrada da Escola Nacional de Belas Artes de Paris.



A criação ou recriação da Escola Superior de Belas Artes de Paris é de 1816.



CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

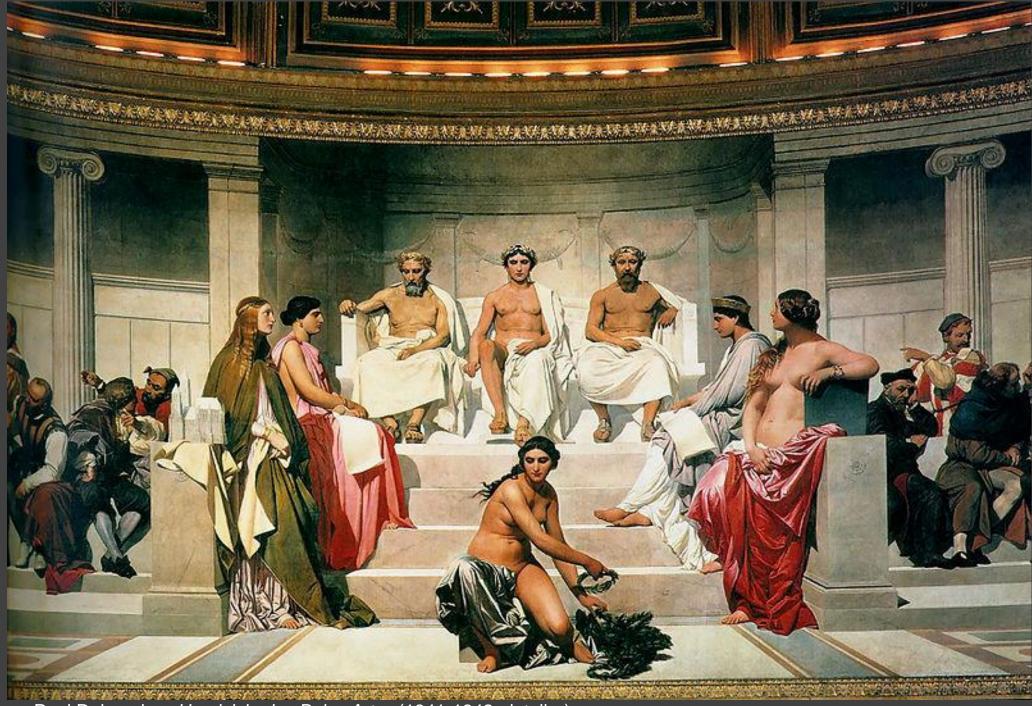






Paul Delaroche, *Hemicycle* das Belas Artes, 1841-42. Salão de conferências do Palácio de Belas Artes em Paris.





Paul Delaroche, *Hemiciclo das Belas Artes* (1841-1842, detalhe).



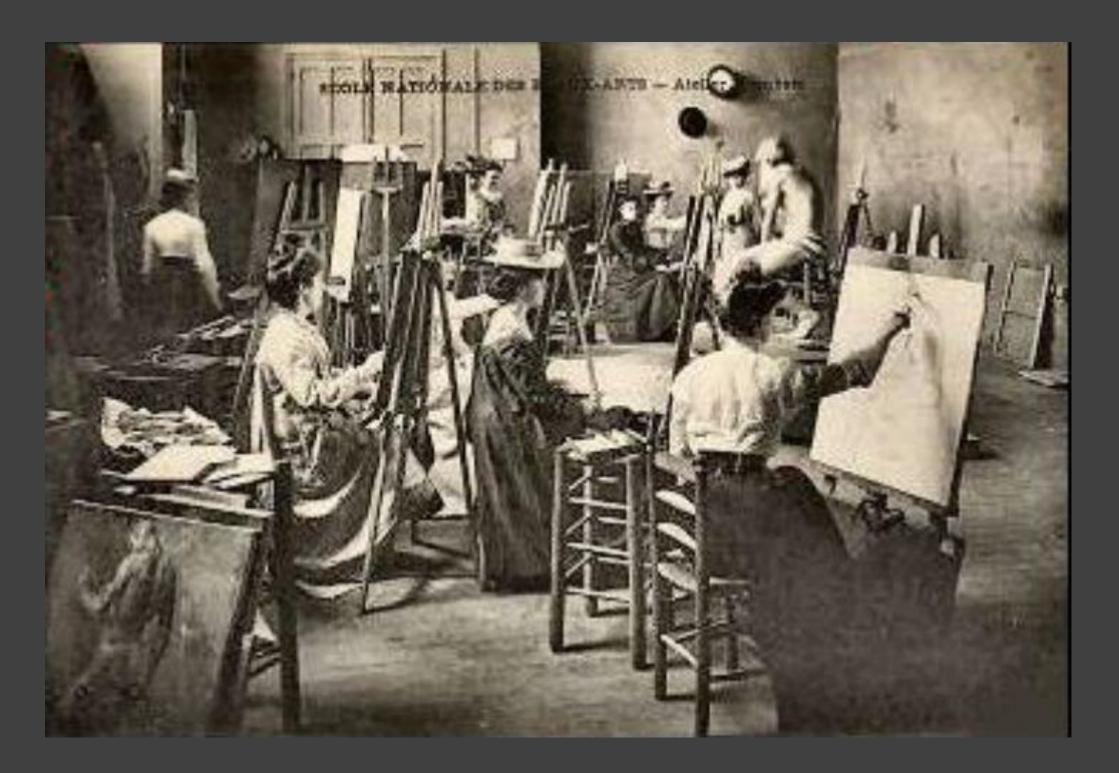
Foram centenas os professores que atuaram na escola, entretanto, desde o início, seu projeto pedagógico foi marcado pela tradição Clássica. Neste sentido é que a expansão do ensino neste alinhamento teórico acabou predominando em grande parte da Europa e do mundo colonizado por ela.



Escola de Belas-Artes de Paris, fins do século XIX.



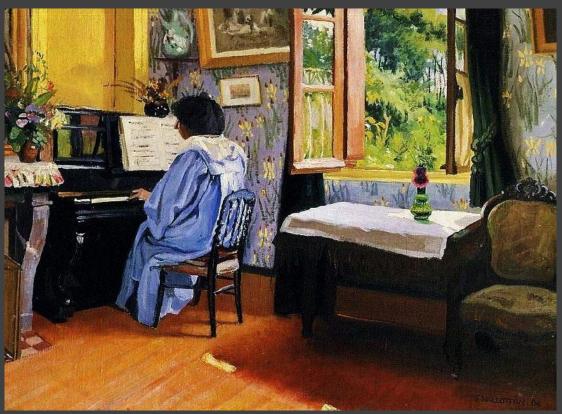






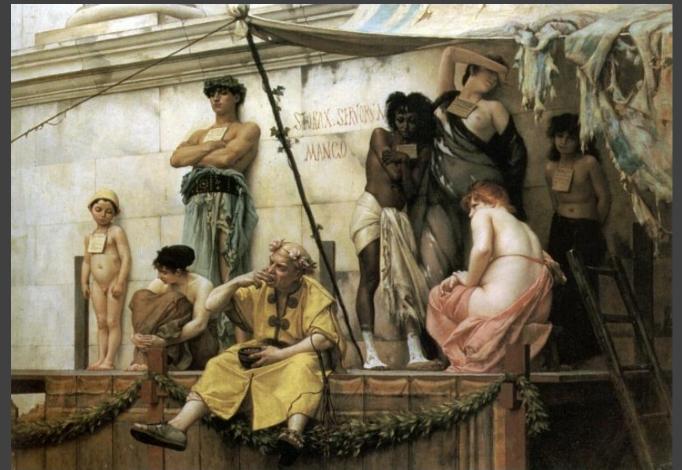


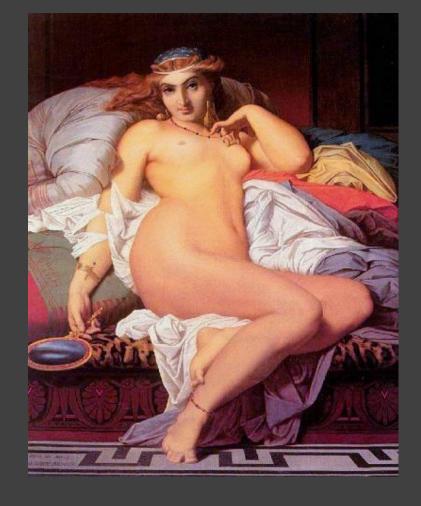






Felix Vallotton, Frauenakt, Atelier Julian, 1885.







Gustave Boulanger, 1850





SOCIETÉ POPULAIRE

DES

Beaux-Arts

13, Rue Grange-Batelière, 13

CONFÉRENCES ARTISTIQUES

AVEC

PROJECTIONS

Le 12 Février 1897, à 9 heures

AMPHITHEATRE DE LA VIEILLE SORBONNE

CONFERENCE

PAR

M. André MICHEL

CONSERVATEUR AU MUSEE DU LOUVRE

LA SCULPTURE FRANÇAISE

Le Secretaire general.

J. 55 SAINT-MESMIN.

Le Président du Comité de Direction,

E BENOTT-LEVY

Le Président du Comité de Patronage,

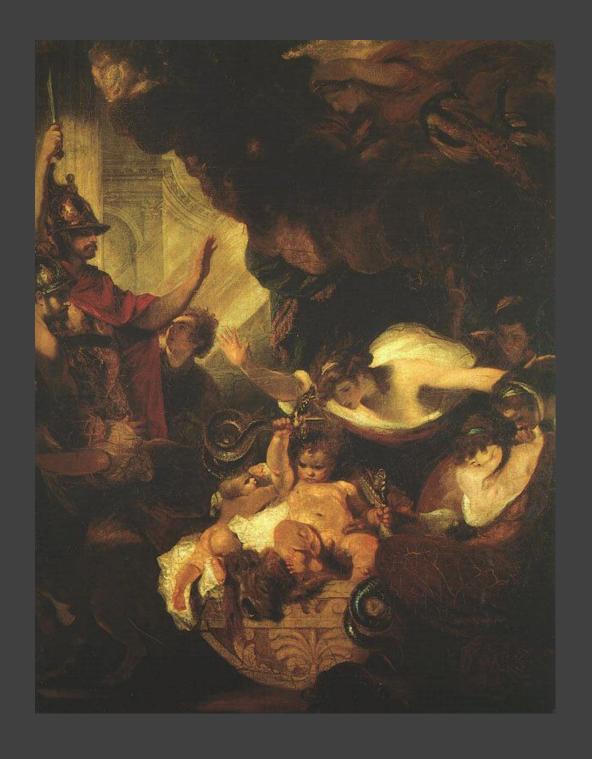
Leon BOURGEOIS, papers.

Part. - Imprimero ALCAN-LIVE, 14 ros Chracker

Cartaz de Alphonse Mucha, 1897.

A expansão das Academias de Belas Artes para vários países decorre, em grande parte, de seu projeto pedagógico e de sua estrutura metodológica. Embora centrado numa estrutura hegemônica e, na maioria das vezes, fechada possibilitou que, mesmo em locais de cultura diferente, sua proposta se impunha.

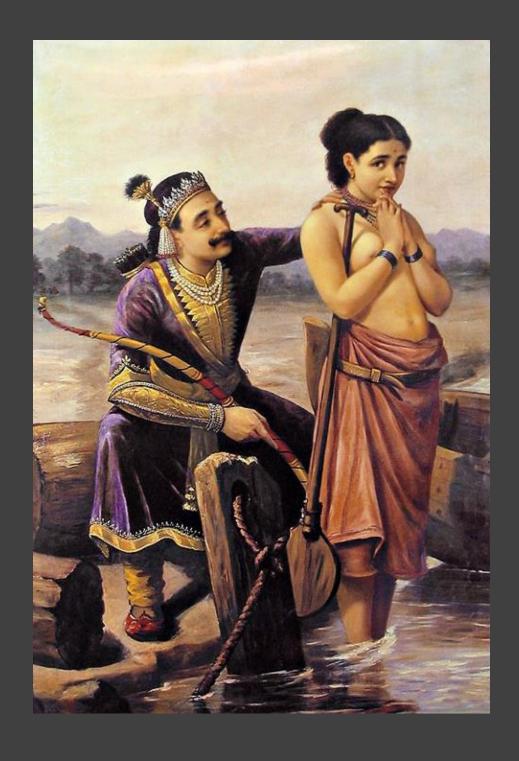
Em 1768 foi fundada a Royal Academy na Inglaterra. Nos Estados Unidos a primeira escola neste modelo foi Academia de Belas Artes da Pensilvânia, fundada em 1805. Na Índia, por influência da Inglaterra, em 1798 foi fundada a primeira escola de arte em Pune. Na Alemanha é fundada a Academia de Dusseldorf em 1762 e a de Munique em 1808.



Hercules criança, Joshua Reynolds, 1786-88.



Charles
Willson
Peale.
Exumação
do primeiro
mastodonte
americano,
1806.



Ravi Varma: *Shantanu e Satyavati*, 1890. Tema local e tratamento ocidental.



Pieter Von Cornelius, José encontra seus irmãos, 1816. Na América Latina a primeira Academia foi fundada no México é a *Academia de San Carlos*, de 1781.

No Brasil a Academia Imperial de Belas Artes é criada em 1816.

Tanto no Brasil quanto na América Latina como um todo, foram criadas várias Academias ou Escolas de Belas Artes sob a influência européia desde o século XIX.

Com o esgotamento deste projeto de ensino e a renovação proposta pela Modernidade, boa parte destas escolas passaram a atuar como Artes Plásticas e, posteriormente, como Artes Visuais. Outras incorporaram outras formações como a de Arquitetura e de Design.



Rafael Ximeno y Planes, El Milagro del Pocito, 1809.



Pedro Américo, Primeira Missa no Brasil, 1861.

Isto posto, tem-se um panorama do percurso do ensino clássico de base acadêmica, instaurada no Renascimento, cuja influência percorreu, pelo menos, quatro séculos. Inicialmente o Aspirante era iniciado no desenho elementar e na cópia de obras didáticas de gravura ou desenho, reproduzindo composições de mestres consagrados e peças da Antiguidade clássica.

Em seguida, passavam a copiar esculturas e, mais tarde desenhavam a partir do modelo vivo. Quando já tivessem algum domínio do desenho eram admitidos como estudantes regulares sob a tutela de um Mestre. A seguir realizavam estudos aprofundados de anatomia, técnicas de cada modalidade artística, geometria, perspecti va e cultura geral, teoria da arte, religião, mitologia e histó ria antiga.

Para a Academia, o grande artista seria aquele que, usando o conhecimento técnico, o aplicasse para a representação dos feitos nobres da humanidade de caráter moral, históricos e religiosos.

Os Discípulos trabalhavam sob orientação do Mestre e para o mestre que, caso admitisse a qualidade do trabalho, o autenticava assinando, caso contrário era descartado.

O estudante só se tornava autônomo quando o Mestre assim o decidisse.

Aos poucos este modelo vai se tornando obsoleto, fosse pela rigidez do método, as exigências extremas em torno da qualidade e performance requerida dos artistas, quer pela ruptura que, aos poucos, foi se instaurando junto aos artistas autônomos, dada a insatisfação pelo fechamento ou reserva de mercado imposta pelas academias.

As Revoluções

Como se viu no início desta preleção, a sociedade aristocrática nobre, religiosa e burguesa detentora do poder desde o período Moderno começa a sofrer a pressão dos movimentos sociais. Primeiramente os Iluministas colocando em discussão o poder totalitário e seus privilégios e desmandos confrontados com a miséria dos camponeses e da população.

A Revolução Francesa, cujo lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade estimula o debate sobre a distribuição do poder, quem o detinha e quem era submisso a ele e como estabelecer novos modos de compartilha-lo. Tais resultaram na Revolução que destituiu a monarquia e instaurou a República de base burguesa e capitalista com apoio popular em oposição à nobreza feudal e aristocrática.

Pode-se dizer também que o espírito revolucionário influi no desenvolvimento das tendências estéticas que vão caracterizar a Arte no século XIX.

A principal delas, a Revolução Francesa, terminou em 1799 fechando o período histórico Moderno e iniciando o período Contemporâneo que, no final do século XIX, culmina com a Arte Moderna. Duas das principais influências desta revolução foram: o Nacionalismo que estimula a manutenção e desenvolvimento do Romantismo, e a tomada de consciência social que mobiliza o Realismo.

Outra revolução que influenciou a Arte foi a chamada Segunda Revolução Industrial que ocorre durante o século XIX e muda o perfil econômico da sociedade.

Este "espírito" revolucionário permanece como substrato ou base para uma nova compreensão da sociedade, da cultura e, consequentemente, da Arte. Assim pode-se entender que os processos revolucionários que mobilizaram o ambiente político desde o século XVIII e XIX, influenciaram também a "revolução" da Arte.

Nesta linha de raciocínio as transformações que vão ocorrer a partir do Romantismo, Realismo e, principalmente, do Impressionismo apontam novas proposições estéticas e conceituais para a Arte desde o final do século XIX.